



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

PODCASTS, BIBLIOTECAS VIVAS E O FONOCENTRISMO NA “BIO”-“GRAFIA” DA EXISTÊNCIA

PODCASTS, LIVING LIBRARIES, AND PHONOCENTRISM IN THE “BIO”-“GRAPHY” OF EXISTENCE

Denise da Silva de Oliveira – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Gustavo Silva Saldanha – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A pesquisa discute o conceito de “biblioteca viva” e as noções por este manifestadas, a saber, “escrita”, “escrita do som” (registro sonoro), “memória”, “existência”, “técnica”, “verdade” e “conhecimento”, como categorias centrais evocadas nas indagações remotas e contemporâneas de uma filosofia da informação baseada na filosofia da escrita e ressignificadas diante dos fenômenos sociotécnicos da fonografia. Para isso, o texto desenvolve a teorização de questões imersas na condição do documento sonoro, como existência e verdade, a partir dos efeitos da relação entre os sentidos na filosofia da escrita e do impacto social da fonografia e das instituições e plataformas edificadas para guarda, circulação e consumo do som. O percurso da investigação atravessa os vínculos entre som e realidade evidenciando o embate filosófico entre verdade e crença na existência via ambiência e experiência sonoras. A memória é colocada no centro das discussões sobre verdade e falsidade por meio do conceito de fonocentrismo. Como desenho empírico das teorias do e sobre o som, este trabalho define e discute a institucionalidade dos antigos arquivos da fala, mais diretamente ligada ao discurso da “biblioteca viva”, e fenômenos recentes associados a práticas de escuta, como plataformas e conteúdo de *podcasts*. Com isso, elabora-se uma reflexão final do documento sonoro como mais um marco conceitual da construção epistemológica de nosso campo e do conceito de memória, integrando o quadro de inflexão sobre as questões de verdade, existência e técnica segundo a questão material da escrita do som, também considerada uma escrita da vida edificada pelo amálgama do “eu” com um “outro”.

Palavras-chave: fonocentrismo; documento sonoro; biblioteca viva; arquivos da fala; verdade.

Abstract: The research discusses the concept of a “living library” and the notions it expresses, namely, “writing”, “sound writing” (audio recording), “memory,” “existence”, “technique”, “truth”, and “knowledge”. These are central categories evoked in both historical and contemporary inquiries into a philosophy of information based on the philosophy of writing, and they are reinterpreted in light of

the sociotechnical phenomena of phonography. The study develops theories on issues immersed in the condition of sound documents, such as existence and truth, considering the effects of the relationship between the senses in the philosophy of writing and the social impact of phonography, as well as the institutions and platforms built to store, circulate, and consume sound. The investigation explores the connections between sound and reality, highlighting the philosophical debate between truth and belief in existence through sonic environment and experience. Memory is central to discussions of truth and falsehood through the concept of phonocentrism. As an empirical framework for theories of and about sound, this work defines and discusses the institutionalization of old speech archives, more directly tied to the “living library” discourse, and more recent phenomena associated with listening practices, such as podcast platforms and content. This allows for a final reflection on the sound document as another conceptual milestone in the epistemological construction of our field and the concept of memory, integrating the discussion on truth, existence, and technique in relation to sound writing, which is also considered a writing of life, constructed through the fusion of the ‘self’ with the ‘other’.

Keywords: phonocentrism; sound document; living library; speech archives; truth.

1 INTRODUÇÃO

O registro sonoro sendo sincrônico, agora é possível reproduzir, por exemplo, uma opereta inteira, com os personagens em tamanho real, dando a ilusão perfeita de estarem cantando e dançando na frente da coxia (Otlet, 1934, p. 226).

De que maneira o som fonográfico, registrado em um suporte, constrói uma memória de vida considerada fidedigna, que se torna conhecimento que circula, transforma e delimita identidades? Para responder a essa questão, a pesquisa discutirá o conceito de “biblioteca viva” e as noções por esta manifestadas, a saber, “escrita”, “escrita do som” (registro sonoro), “memória”, “existência”, “técnica”, “verdade” e “conhecimento”, assinalando-os como categorias centrais evocadas nas indagações remotas e contemporâneas de uma filosofia da informação, aquela ligada à filosofia da escrita, e ressignificadas diante dos fenômenos sociotécnicos da fonografia nos últimos 150 anos. Tais conceitos nucleares do pensamento informacional colocam em inflexão construtos basilares da teoria do conhecimento que fundamenta a própria Ciência da Informação, de sua filosofia à epistemologia, da epistemologia à reflexão sobre memória.

Desde Paul Otlet (1934), em seu *Traité de Documentation*, a fundamentação do que se constituirá como Ciência da Informação se interroga sobre os diferentes continentes e conteúdos do documento, suas formas de registro e preservação, análise e interpretação, incluindo a documentação fonográfica – no discurso otletiano, ali, nos anos 1930, aponta-se

para as coleções de discos sonoros como *phonothèque*, *discothèque*. Da fundamentação da obra, a demarcação do lugar epistemológico na construção do campo, ao questionamento sobre os impactos sociais da fonografia, ou da descrição do som em uma plataforma, estes são elementos que integram relações dos estudos teóricos da memória a partir do universo sonoro, ontem e hoje, e reincidentem em pressupostos elementares da configuração epistemológica da Ciência da Informação, como verdade e existência.

Nesse sentido, o trabalho procura debater questões teóricas imersas na condição do documento sonoro, a saber, existência e verdade, a partir dos efeitos da relação entre os sentidos na filosofia da escrita – ou, ainda, das relações entre oralidade e escrita, evocadas no contexto de proposições relacionadas à fonografia, no passado e no presente. A experiência sensorial do som, no contexto da virada do século XIX para o XX, bem como nos cem anos posteriores, de modo muito distinto, guardam consigo dilemas remotos da filosofia da escrita correlacionados à teoria do conhecimento propriamente dita (epistemologia, gnoseologia ou metaciência), compreendidos no fundamento para o que se pode e o que não se pode conhecer, bem como os métodos do conhecer o que existe, o ser, e sua verdade. Em outros termos, segundo as condições de afecção da experiência sensorial auditiva, conceitos epistemológicos como verdade e justiça, sentido e bem, emergem diante das potencialidades do documento sonoro.

O itinerário da investigação manifesto na malha textual aqui apresentada atravessa as relações entre o som e a imaginação de uma realidade integral – pressuposto da verdade e da crença na própria existência da verdade na experiência da vida –, apontando o debate filosófico sobre a escrita e o som, ou, aqui, especificamente, a oralidade, como parte integral das preocupações epistemológicas da Ciência da Informação. A memória, no plano da realidade material do documento, é colocada no centro das discussões sobre verdade e falsidade por meio do conceito de fonocentrismo milenar, que vai da Filosofia Grega à Antropologia Moderna, chegando ao uso intensivo da oralidade através de documentos sonoros contemporâneos.

O percurso tem, no domínio epistemológico-histórico, duas contextualidades claramente demarcadas na conjuntura da mediação sociotécnica da Modernidade tardia. De um lado, o início das experiências e da disseminação dos registros sonoros e a produção inaugural de uma documentação fonográfica entre o século XIX e o século XX; posteriormente,

na outra “dobra”, na passagem do século XX para o XXI, perante a cultura do registro em plataforma digital, o desenvolvimento de uma esfera pública atrelada, não unicamente, a outra realidade fonocêntrica. Assim, a institucionalidade dos antigos arquivos da fala, diretamente ligada ao discurso da “biblioteca viva”, e fenômenos mais recentes associados a práticas de escuta, como plataformas e conteúdo de *podcasts*, serão redefinidos aqui dialogicamente. Com isso, despontará uma concepção de documento sonoro como marco conceitual da construção epistemológica de nosso campo e do conceito de memória, integrando-se o quadro de inflexão sobre as questões de verdade, existência e técnica a partir de escolhas metodológicas empiricamente orientadas, que buscam discutir dicotomias preconcebidas (escrita e fala, verdadeiro e falso, eu e o outro) forjadas no contexto de uma potente tradição ocidental de pensamento.

Para abarcar essas questões, iniciaremos o texto apresentando a história de Maria e do cachorro Café, narrada por Maria Carvalhosa em primeira pessoa para um *podcast*, com o objetivo de introduzir a questão do som fonográfico na atualidade pela ótica da produção de uma existência marginalizada e subjetivamente real, nesse caso, relativa a uma pessoa cega e seus desafios de vivência social. Com isso, alguns conceitos interrelacionados emergirão de maneira dialogicamente contextualizada, a saber, fonocentrismo, documento sonoro, verdade e fidelidade sonora, numa trama teórica delineada em tempos diversos por autores como Platão, Jacques Derrida, Michel Foucault, Friedrich Kittler e Jonathan Sterne. A partir dessa rede de ideias, serão discutidas experiências concretas de produção de memória institucional na tecnicidade sonora, com destaque para o Arquivo da Fala francês, fundado, em 1911, com o objetivo de produzir documentos falados que subsidiassem a formação de uma narrativa nacional mais próxima da realidade, científica e politicamente baseada. Por fim, realizaremos a discussão do conceito e da práxis das “bibliotecas vivas” de ontem e de hoje, lugares de construção de registros orais que se produzem e reproduzem pelo narrar da existência de um “outro” por ora desconhecido e marginalizado, mas cuja preservação de memória é condição necessária para a constituição do “si próprio” institucional.

2 PREÂMBULO À EXPERIÊNCIA SENSORIAL: O SOM E A IMAGINAÇÃO DA REALIDADE INTEGRAL

Tem alguns encontros que abrem um novo capítulo na vida da gente. Às vezes a gente sabe na hora. Às vezes a gente percebe logo depois. Às vezes demora anos pra gente se dar conta do impacto que aquilo teve. De como mudou o nosso caminho. E não só o caminho, mas a maneira como a gente percebe o mundo. É um terremoto interno. A gente entra de um jeito e sai de outro. Na história dessa semana, a gente vai acompanhar um encontro desses *de perto, ao pé do ouvido*. E quem conta essa história é *a pessoa que viveu tudo isso*: a Maria Stockler Carvalhosa (Maria [...], 2023, 1:13-1:54, grifos nossos).

É dessa maneira que Branca Vianna, presidente da produtora de *podcasts* Rádio Novelo, abriria o 8º episódio da produção original “Rádio Novelo Apresenta”. Em “Maria e Café”, o ouvinte escuta ao pé do ouvido a voz da jovem Maria narrando em primeira pessoa o processo de aceitação e adaptação de sua nova vida, a vida de uma pessoa que se tornou cega aos 13 anos de idade e teve de reaprender a lidar com seus sentidos, antes coordenados pela visão. Ao longo de aproximadamente 50 minutos de narrativa oral, o ouvinte adentra a saga pouco conhecida para pessoas não cegas de uma busca por independência em um mundo feito para quem enxerga, o que, no caso de Maria, passou pela conquista nada fácil de uma tecnologia assistiva de quatro patas.

Quando a moça recebe uma mensagem de e-mail de uma escola de treinamento de cães-guia, informando sobre sua entrada no processo seletivo para obtenção de um companheiro canino, ela passa a gravar em áudio suas experiências daquele momento em diante, que ao longo do episódio conseguimos escutar em paralelo com sua narração: da espera e expectativa de viajar do Rio de Janeiro a Sorocaba para a adaptação inicial com o cachorro, cujo íterim foi marcado pela então temida convivência com pessoas cegas no Instituto Benjamin Constant (passo definitivo de sua aceitação), até o encontro com seu novo parceiro, um labrador chamado Café, que formaria consigo uma simbiose de “dois seres funcionando juntos”, segundo suas palavras (Maria [...], 2023, 30:32).

A partir do minuto 31:31 (Maria [...], 2023), o ouvinte consegue escutar os sons produzidos no momento preciso do encontro entre Maria e Café entrelaçados pela narração *a posteriori* da mesma Maria, que tenta explicar sua euforia naquela marcante ocasião; explicar em palavras que, por si só ou em formato de escrita, não conseguiriam alcançar a exatidão da realidade daquele lapso de tempo, preenchido por risadas e barulhos diversos, gravados quando tudo acontecera, com todos os eventos espontâneos e inesperados inclusos

no momento da aguardada reunião de dois seres diferentes e, doravante, heterônomos. Tratava-se, sem dúvida, do “viver tudo isso” que Branca Vianna citara no início do episódio; o “viver tudo isso” de pessoas cegas que passou a existir não apenas para a própria Maria – que, ao enunciar vocalmente parte de sua história, mostrava-se publicamente na cúspide do processo que iniciara quando ela passou a se compreender como uma pessoa cega –, mas também para muitos dos ouvintes do *podcast*.

“Hoje, adentrei num universo que não conhecia”, “Mais um *podcast* da Rádio Novelo que revela um novo mundo”, “Nada é tão interessante quanto conhecer novas situações!”, “Que história incrível e emocionante. Que lindo conhecer um mundo, para mim, desconhecido” (Maria [...], 2023). Os ouvintes responderiam ao episódio reverberando o próprio *slogan* do programa de áudio: “histórias que você nem sabia que precisava ouvir”. Ao escutarmos cada um dos 80 episódios do “Apresenta” disponíveis hoje, meados de 2024, deparamo-nos em menor ou maior medida com narrativas orais de “pessoas que viveram tudo isso”, em histórias apresentadas como importantes, porém na maioria das vezes desconhecidas, as quais os ouvintes, sem saber, precisavam conhecer. E conheceriam, quase sempre, de muito perto, pois em primeira pessoa e “ao pé do ouvido”.

O que torna o som parte de uma experiência sensorial que aproxima corpos, percepções, experiências e formas de existir, conferindo sentido, verdade, a esta existência perante uma mediação sociotécnica? À primeira vista, essa parece uma pergunta tola, afinal, a proximidade citada por Vianna na introdução do *podcast* é facilmente sentida quando damos *play* no episódio “Maria e Café”: ouvimos a própria voz da garota, suas espontâneas sensações no caso da gravação sonora de seu diário. Com efeito, sentimo-nos próximos a ela e ao que ela viveu, à pessoa que ela é ou se tornou; sentimos, compreendemos, choramos. Contudo, essa resposta não encerra a discussão ou torna a questão da existência pelo som mais fácil, principalmente quando ela é atravessada por uma mediação tecnológica, pela preservação dos traços sobre si que Maria desejou que fossem conhecidos e conservados quando apertou o botão de gravar som de um aparelho. A partir desse momento, o registro de seu movimento através do som tornou-se documento, documento sonoro, e a voz ganhou uma forma potencial de perpetuação e propagação para além do ultra-presentismo do instante, ou do fonocentrismo pré-cibernético.

3 FONOCENTRISMO, DOCUMENTO SONORO E VERDADE

Chamamos “retóricos” um autor, um livro, um estilo, quando notamos neles uma aplicação constante de artifícios do discurso – e isso sempre com uma nuance pejorativa. Pensamos que não é natural e que dá a impressão de algo forçado (Nietzsche, 1999, p. 44).

A ligação do som a uma técnica de registro documental foi discutida profundamente por Jacques Derrida (2017, 1997), que cunhou o termo “fonocentrismo” para designar a noção de que a metafísica ocidental endossou uma antiga ideia de origem sonora que daria legitimidade a um “falar verdadeiro” em contraposição à representação produzida *a posteriori*, marcada pela ausência desse som original que tornaria a técnica da escrita fonética um recurso de comunicação inferior, artificial, suplementar, insuficiente. Isso quer dizer que, nessa concepção, antes da palavra escrita houve um som que continha a totalidade da realidade (a ideia de existência ou de um real metafísico apartado do mundo sensível) – e, após ela, sobraram, no máximo, parcialidades de verdade. Trata-se de uma ética da fala viva que, segundo Derrida (2017, 1997), é utópica e atópica, imaginada em forma de uma presença que nunca existiu ou sempre existiu juntamente com outras ausências, funcionando por movimentos de diferença sem origem pura, conduzindo, antes, a rastros, jogos e relações.

É tardio, estruturalmente Moderno, o privilégio da escrita sobre a oralidade na experiência sensorial do conhecimento. É apenas com o Renascimento que essa transformação, de acordo com Michel Foucault, parece transformar o *devoir* memorial da oralidade em negação perante o *devoir* verdade da posição do registro gráfico. Isso porque a primazia da escrita, como uma ordem primeira da linguagem, passou a dominar o contexto renascentista, também momento do florescimento da imprensa, como contraponto a um som da voz tido como tradução transitória e precária da verdade divina, manifesta, efetivamente, na palavra escrita (Foucault, 2002).

Mas seu modelo contraposto, que localiza a base do conhecimento no som, na anterioridade oral, remonta centralmente – em diferentes filósofos que se dedicaram à filosofia da escrita, como Friedrich Nietzsche, Michel Foucault (2002), Jacques Derrida (2007; 1997), Bárbara Cassin (2005) – ao problema do uso dos registros gráficos para o desenvolvimento da Filosofia, e, logo, da verdade, tendo Platão ([aprox. 350 a.C.] 2000) sido fonte recorrente dessas argumentações. No diálogo de Fedro, centralmente marcado pela personagem que dá nome ao registro de contato entre Sócrates e aquele, a memória como

processo do conhecimento está estruturada na palavra falada, presencialmente manifesta e imediata (não mediada), compreendida como viva ou como conhecimento verdadeiro em processo de reconhecimento, diferente do registro gráfico que, como projeção da falsidade do discurso, se afasta da verdade e, logo, da própria Filosofia.

Em sua “Farmácia de Platão”, Derrida (1997) retomará a questão da *aporia* entre verdade e falsidade no modelo fonocêntrico, bem como, na “Gramatologia” (Derrida, 2017), demonstrará que o papel da verdade sonora, ou de uma teoria do conhecimento e método do conhecer baseado na palavra “obra”, se orienta, no Ocidente, por ideias consolidadas que vão da metafísica socrático-platônica à Antropologia do século XX. Da revolução da indústria gráfica no século XV com a prensa Gutenbergiana à revolução técnica do registro sonoro, quatrocentos anos depois, o dilema da verdade entre a propagação da escrita e, agora, no outono do século XIX, a reproduzibilidade técnica do som, o problema da realidade que se pode conhecer entre o oral e o escrito, é continuamente retomado na Filosofia. Ao responsável pela escrita, retornar-se-á à menção de retórico, de produto de discursos falsos; à fidedignidade do som e da fala, o discurso de verdade.

Esse fonocentrismo advindo de uma comparação entre o sonoro e o escrito, que conecta a noção de “real” àquele em razão desse mesmo confronto, teria ressurgido com revitalizada força entre o final do século XIX e início do século XX, quando a possibilidade de gravação sonora tornou a presença da escrita, e suas características frente à florescente técnica, mais uma vez evidente. Segundo Friedrich Kittler (2017, p. 97), os gramofones se tornaram em si a memória, sendo possível armazenar, por meio de seu funcionamento, não apenas palavras e melodias, “mas também modulações instrumentais, espaços sonoros e até mesmo padrões estocásticos do ruído”, revelando-se nesse ínterim as alegadas limitações de livros e partituras, feitos de complicados jogos, enquanto seu outro tecnológico que então despontava na cena social tornava o “som original” uma presença pujante, um “evento no espaço sonoro absoluto”.

Esse “novo” informar sobre a existência estaria ligado, a partir da velha perspectiva fonocêntrica, a um “tornar audível” que a mimética escrita deixaria escapar: excessos de som que existiriam somente numa “origem” antes não abarcada, como o barulho de Café entrando no quarto de Maria, as risadas da garota, a voz do *talkback* de seu aparelho celular, uma tosse que fosse. Porque a existência completa *a posteriori* teria se tornado possível a partir do chamado “som moderno”, que, estando sob a égide de um controle técnico, teria suas

características de “origem” ainda mais aguçadas, pois transformava eventos sonoros em informação conservável e precisamente reiterável para além dos limites da escrita (Kittler, 2017, p. 261, p. 311).

Essa ideia de natureza epistemológico-filosófica se transportou para os discursos em favor da técnica fonográfica ao longo do tempo, numa defesa, ou propaganda, que se estendeu de seu surgimento no mercado, na segunda metade do século XIX, até períodos mais recentes, tendo como porta-voz, principalmente, a indústria fonográfica, além de outros atores, acadêmico-científicos e mercadológicos, interessados na divulgação da crença acerca de uma “verdade informacional” via tecnicidade da oralidade registrada.

No caso da fonografia, de acordo com Jonathan Sterne (2003, p. 222, p. 270, p. 273), o discurso da fidelidade sonora trabalhou sempre com “uma crença de que a mídia e os próprios sons poderiam manter fielmente o acordo de que dois sons são o mesmo som”, com a “natureza do que é ouvido e as condições específicas de reprodutibilidade” sendo “apresentadas como se elas tivessem florescido da tecnologia. Essa é uma narrativa conveniente para anunciantes com seu novo *hardware* para vender, mas não é um quadro de historiografia convincente” quando desdobramos as cadeias de ação que compõem as práticas de escuta ligadas ao som fonográfico, percebendo que a “perfeição”, enunciada reiteradamente do século XIX até hoje, faz parte de um movimento situacional que se estrutura a partir do “desejo de ouvir alguma coisa através da rede”, além do medo de a rede não funcionar e algo se perder.

O funcionamento da rede, das associações que produziram finalmente um “som perfeito” que chegaria ao pé do ouvido, baseou-se numa confiança construída no decorrer de um aprendizado de escuta relativo a práticas fonográficas, que guarda relação com a concepção de um “som original” cuja existência é defendida no contexto de uma tradição fonocêntrica ocidental que o contrapõe à limitante escrita, mas também é marcado pelo estabelecimento de instituições que se propuseram, ao longo do século XX, a ensinar um renovado tipo de ouvinte a escutar a “verdade” sonora mediada por uma máquina.

O comércio ligado à fonografia, por exemplo, não apenas vendia discos e cilindros fonográficos e fonógrafos, mas também experiências, via edificação e fomento de ambientes e ambiências para a cultura sonora. Nas primeiras décadas do século passado, preponderava uma descrença quanto às capacidades de um autômato reproduzir fielmente sons capturados em outro tempo e espaço. Por isso, as chamadas “casas de discos” muitas vezes tinham de

provar que o que os ouvintes escutariam seria a verdade de músicas, discursos e histórias cantadas e contadas pelos seus próprios autores e *performers*. Isso era conseguido por meio de cabines e fones de ouvido (então chamados “tubos acústicos”), instalados junto aos artefatos fonográficos à venda, que serviam para convencer as pessoas de que tudo aquilo era real: de que o som escutado ao “pé do ouvido” era original em relação a uma fonte, como se essa fonte enunciada estivesse ali presente (Oliveira, 2020, p. 40-58).

Por outro lado, governos e instituições científicas e culturais também começaram a se preocupar com a formação desse “novo” ouvinte ao longo da primeira metade do século XX. Mais do que isso, começaram a se preocupar com a necessária construção dessa rede que conduzia à fidelidade sonora, desta vez, ligada ao som moderno, ou seja, ao som fonográfico, controlado e controlável, armazenável perpetuamente (segundo desejava-se), que deslocava realidades no espaço e no tempo de uma maneira antes imaginável concretamente apenas por meio da *mimesis* sonora que a escrita comportaria. Os arquivos de fonogramas – ou discotecas públicas, como ficaram conhecidas no Brasil – se tornaram o esteio institucional desse deslocamento de realidades com fins de controle e manejo científico e político de informações, sendo responsáveis, também, pela criação de narrativas originais (sobre a nação, sobre povos “primitivos”, sobre o distante que se queria próximo); mais verdadeiras pois contadas ao “pé do ouvido” e em primeira pessoa.

4 MEMÓRIA DA FALA, MEMÓRIA DO SER NO OUTRO: FIDEDIGNIDADES SONORAS

E todos percebem, sem que seja necessário insistir, como os Arquivos da Fala serão aproveitados diariamente para o ensino de línguas, felizmente emancipado das rotinas escolares e dos métodos exclusivamente baseados em livros. Nada pode ser mais útil para esse propósito do que essa *biblioteca viva*, essas vozes vindas diariamente de todos os países, nas quais nossos estudantes poderão imergir e que os manterão na prática diária dos idiomas estrangeiros (Brunot, 1911, p. 12, grifo nosso).

No início do século XX, o processo de institucionalização da técnica fonográfica se alastrava pela Europa e as defesas de seu uso, principalmente no contexto de um discurso científico, começavam a se consolidar após a inauguração dos arquivos de fonogramas de Viena (1899) e de Berlim (1900), juntamente com as promessas de se forjarem evidências mais fidedignas da realidade que se desejava econômica e politicamente dominar. Em 1911, surgiram os *Archives de la Parole*, ou Arquivo da Fala, o arquivo sonoro francês instalado

inicialmente na Sorbonne com o objetivo principal de subsidiar pesquisas de estudiosos da língua e da história da França, principalmente os ligados ao novo campo de fonética experimental, recém-estabelecido na Universidade de Paris (Inauguration [...], 1911).

A fonética experimental surgira, embrionariamente, por volta da década de 1870, concomitantemente ao desenvolvimento das primeiras máquinas fonográficas, quando também o chamado “grupo de Paris” – formado por linguistas e fisiologistas, dentre os quais Ernest Havet, Michel Bréal, Étienne-Jules Marey, León Vaïse e Charles Rosapelly – se uniu para transformar a Linguística em uma disciplina altamente empírica. Para isso, a ideia era deslocar o foco prevalente em palavras escritas advindo da tradição filológica em direção a uma visão mais física e fisiológica sobre as formas das línguas humanas, de modo a transformá-las em evidências mais confiáveis para o escrutínio da ciência (Tkaczyk, 2023, p. 61). Para isso, os cientistas deveriam lançar mão das novas ferramentas fonográficas que então se desenvolviam, tais como o fonógrafo e o fonógrafo, aperfeiçoando-as de maneira a torná-las mais precisas quanto à inscrição de sons e, mais especificamente, do falar humano. Esse foi o primeiro passo que culminou na formação dos arquivos da fala europeus – as “bibliotecas vivas” sobre a nação.

Um ano antes da inauguração do Arquivo da Fala francês, seu futuro diretor, o professor da Sorbonne Ferdinand Brunot, defendera a criação do que ele denominava “Museu da Fala”, alegando que qualquer “esperança de restituição” da realidade nacional estaria proibida, no presente e no futuro, enquanto uma instituição dessa natureza não fosse inaugurada no país. Isso “porque nenhuma escrita, nenhum comentário pode dar a ideia correta de uma palavra não ouvida, de seus sons, de suas inflexões, dos elementos infinitamente variáveis que a compõem e que mudam de século para século, de cidade para cidade, de homem para homem” (Brunot, 1910, p. 1).

Nesse contexto francês de defesa da organização de um *musée de la parole e du geste*, surgiria o conceito de “biblioteca viva” para designar uma nova maneira de organizar e disponibilizar o conhecimento, não mais baseado na falsa e incompleta escrita, que representava a morte, mas nos vivos e originais sons e gestos que seriam a fonte de um determinado evento, possível de ser capturado e reproduzido fielmente apenas por meio da cinematografia e fonografia mecânicas. No entanto, a demanda inicial por uma instituição voltada para a guarda e exibição de imagens em movimento seria abandonada nesse primeiro momento em nome de um setor orientado exclusivamente para a gravação e preservação de

sons fonográficos. O Arquivo da Fala surgiu com a finalidade de elevar as pesquisas científicas a um patamar superior, visto que baseado em documentos falados, como eram chamados, aqueles tidos não apenas como espelhos da realidade, mas também como configuradores de uma identidade por intermédio do contato com o “outro”. Isso porque os “estrangeiros” – externos e internos às fronteiras da nação, digamos – seriam os alvos favoritos das gravações dali em diante: gravar as vozes de usuários de outras línguas que não a francesa e de camponeses falantes dos chamados patoás ou dialetos rurais se tornaria fundamental para conhecer e moldar a língua e povo franceses, num movimento de construção de si a partir do existir pelo som, ou verdade, do outro (Pierrefeu, 1911).

É importante lembrar que as primeiras décadas do século passado se configuraram como um contexto permeado de preocupações com o desenvolvimento de uma ciência própria dos registros do conhecimento, sintetizadas no léxico de um vocabulário em construção a partir de diferentes conceitos. Paul Otlet (1934, p. 221-222), com base no conceito de “documento”, um dos termos nucleares de suas ideias, apontaria mais adiante, nos anos 1930, para o acervo de fonotecas ou discotecas como conjuntos de registros etnográficos, relativos ao folclore nacional ou canções de cada cultura, incluindo em tais coleções também as vozes de personalidades nacionais e grandes oradores, ademais de questões relativas à dicção, ao canto e à execução dos artistas em sua performance, sempre em busca de uma existência original, que construiria a memória do passado para o futuro de maneira mais fidedigna que a escrita. Exatamente por essa diferença, discos e artefatos fonográficos seriam, em suas palavras, os “substitutos genuínos do livro”, devendo, dessa maneira, ser organizados de antemão em fonotecas ou discotecas locais espalhadas por todo o mundo por meio de uma ordenação em catálogos de caráter cooperativo que visariam à universalidade e a uma instituição fonográfica universal, congregando o “eu” das identidades nacionais a seus “outros” de outras identidades e formando a memória do existir humano que apenas uma “biblioteca viva” poderia reunir e materialmente disponibilizar.

Além da fonoteca francesa, já existente quando Otlet escreveu seu *Traité*, outros arquivos sonoros criados na primeira metade do século passado seguiriam esse mesmo caminho do “formar-se pela audição do outro”, inclusive as discotecas públicas brasileiras, com destaque para a Discoteca Municipal de São Paulo, constituída por Mário de Andrade em 1935, primeiro ano de sua gestão como secretário de Cultura da cidade paulistana. No caso brasileiro, assim como no francês, a ideia era estabelecer uma concepção de nação e

identidade nacional recorrendo à gravação sonora dos “povos primitivos” que viviam nos sertões e áreas remotas do Brasil, cuja existência era ignorada por políticos, artistas e população em geral, que estavam enclausurados na realidade cosmopolita da parte litoral do país – pouco brasileira, segundo argumentava-se –, ao mesmo tempo que lhes era ensinado escutar o outro para conhecer a si mesmo (Andrade, 1928a, 1928b); assim como os ouvintes do *podcast* “Rádio Novelo Apresenta” escutariam e se apropriariam da história de Maria e Café em um movimento sensorial-emocional de construção de si.

O som fonográfico, em todas essas circunstâncias, funciona como um modo de “bio”-“grafar” a existência, de “escrever” de forma mais fidedigna não apenas sobre a vida de quem passa a existir para uma determinada institucionalidade por meio do registro sonoro, mas também sobre a vida de uma totalidade histórica que se quer construir de maneira mais completa, integral; e as discotecas ou arquivos da fala, assim como os *podcasts* e as chamadas “bibliotecas humanas” do século XXI, seriam os locais de memória e disseminação dessas “histórias que você nem sabia que precisava ouvir”: as histórias do “outro”.

5 EPÍLOGO À EXPERIÊNCIA SENSORIAL: O NARRAR DA EXISTÊNCIA EM DISCOTECAS, PODCASTS E BIBLIOTECAS HUMANAS

Em nossa biblioteca, recomendamos sentar e conhecer pessoas com quem você normalmente não conversaria porque há algo nelas que talvez te provoque um incômodo peculiar. Assim, você não aprende muito sobre elas, mas aprende ainda mais sobre você mesmo (Bates, 2022).

Por que emprestar livros, túmulos de seres humanos construídos por um quebra-cabeças de símbolos, se podemos emprestar a fala viva? Essa ideia fonocêntrica, que baseou argumentos dos diálogos de Platão à formação de discotecas públicas no século XX, foi também a base para a criação das chamadas bibliotecas humanas no início da década de 2010. Nesse novo tipo de “biblioteca viva”, iniciativa recentemente testada em países europeus como Dinamarca, Noruega, Portugal e Hungria, os “livros” são pessoas e as palavras surgem e se conectam a partir de um diálogo da própria fonte de experiências com seus leitores. O “outro” que não entendo porque não sou “eu” – como transgêneros, ex-gangsters, poliamorosos, satanistas e pais adotivos solteiros, para citar alguns exemplos das obras humanas vivas disponíveis no acervo – começa a falar, pessoalmente, com seu leitor, sentindo que, ao testemunhar sobre si, “meus leitores apagam a imagem que tinham de mim em suas

mentes”, retirando-se de “caixinhas” pré-fabricadas ao desafiar pressupostos e estereótipos formados pela falta de conhecimento sobre sua verdadeira existência, que, afinal, poderia ser contada fielmente somente em primeira pessoa (Bates, 2022).

O próprio fundador da iniciativa, Ronni Abergel, enfatiza que o foco da experiência é, sobretudo, o aprender “ainda mais sobre você mesmo” em um contato com o diferente. É como a simbiose entre Maria e Café – dois seres diferentes e, doravante, heterônomos que se constroem todos os dias a partir da existência do outro – ou entre sua história, como uma moça cega, e os ouvintes do *podcast*, pessoas não cegas. Ou, ainda, entre os camponeses e os intelectuais franceses que desejavam reescrever a história da França de maneira mais fidedigna – ou entre artistas e intelectuais e os chamados sertanejos que, no contexto do movimento discotecário brasileiro dos anos 1930, tiveram suas vozes capturadas para serem levadas dos sertões para capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, tornando-se a voz real da nação que formaria, pela diferença, a cultura e a música brasileiras.

Derrida (2017, 1997), como vimos, criticaria o discurso fonocentrista exatamente pela ausência da menção ao jogo que existe entre o som e a escrita, que, longe de forjar uma relação de imitação, forma existências outras, produzidas no contexto de uma dialética complexa, não apenas mimética. Da mesma maneira, Sterne (2003) questionaria a ideia de fidelidade sonora presente na propaganda sistemática que cerca a técnica fonográfica, do século XIX até os dias atuais, propondo igualmente uma visão crítico-histórica que visse o som “original” e o gravado não pelo prisma de uma conexão reta, sem mediação, mas como construtores de uma rede fonográfica que cria realidades conectadas pela diferença. Com base nessas perspectivas, a memória produzida pela fonografia – das discotecas aos *podcasts* – deveria também se orientar para além de binarismos, tendo em vista que, ao construir identidades pelo jogo da integração e divisão, ela é constituída a partir de vínculos, não de essências ou origens. Isso significa defender que não haveria um fora ou dentro em si, um verdadeiro ou falso *per se*, nem sequer um original e mimético que se contrapõem, mas misturas formadas por “outros” e “eu” que não se confundem – pois do contrário transformaríamos o “outro” em simples projeções narcisistas –, mas também não se constroem isoladamente, pois existem somente em uma relação multifacetada, por mais que, discursivamente, resistamos a identificar polos negativos como construtores da existência desejada. Essa é uma maneira de nos dirigirmos, segundo o historiador Dominick LaCapra

(2023), rumo a um trabalho de memória crítico ou criticamente, incomodamente, mais complexificado, para além de dicotomias.

Por outro ângulo, não podemos deixar de recordar que a retomada da oralidade pelo prisma fonocêntrico na epistemologia e na teoria do conhecimento teve lugar central na construção da Ciência da Informação entre os séculos XIX e XX. As questões das técnicas, plataformas de conteúdos e qualidade de conteúdos sonoros na alvorada da fonografia são contemporâneas à produção teórica de Paul Otlet e a exercícios de fundamentação de uma relação entre memória, técnica e preservação do conhecimento através de políticas de acesso que engendraram o desenvolvimento de instituições orientadas formalmente para uso e reuso dos registros do conhecimento, entre eles, o documento sonoro, que teve sua identidade formada num contexto fonocêntrico que não pode ser ignorado, inclusive por seguir fazendo parte de narrativas atuais – dos *podcasts* às “bibliotecas humanas”.

Mas se, por um lado, a fonografia integra um terreno de investigação da técnica no campo informacional, permitindo rediscutir as relações entre memória, oralidade e conhecimento – verdade, realidade e falsidade – e adentrando o coração das questões da própria filosofia e da epistemologia da Ciência da Informação, por outro, ela o faz de uma maneira específica, historicamente situada e balizada, a partir dos discursos ligados ao fonocentrismo ocidental e à propaganda da fidelidade sonora que acompanham, respectivamente, a construção intelectual que forja uma determinada relação entre o som e a escrita e o desenvolvimento do registro sonoro em seu aspecto comercial e técnico.

Narrar a existência do outro e, por extensão, de si pelo som implica sempre a formatação de uma memória compartilhada em movimento: feita, sim, de um antigo lugar fonocêntrico, de evolucionismos tecnológicos (“essa nova máquina alcança, finalmente, a verdade”), mas também de misturas tanto desejadas quanto, muitas vezes, indesejadas; da vontade de conhecer Maria e sua relação com Café por um *podcast* ou transgêneros e pais adotivos solteiros na “biblioteca viva” aos espólios colonialistas dos antigos arquivos sonoros e discotecas públicas, que colhiam vozes de “povos primitivos”, igualmente, para construir a si por meio do outro. E o impacto da construção dessas memórias institucionais para o “outro” disposto dicotomicamente com o “eu”, assim como a dimensão ético-moral dessa relação, é um ponto que precisa ser mais explicitamente discutido, recolocando-se em debate memória, documento, verdade, técnica e existência a partir da escrita do som, considerada a própria escrita da vida.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: I. Chiarato & Cia, 1928.
- ANDRADE, M. O fonógrafo. *In*: Arte. **Diário Nacional**, São Paulo, 24 fev. 1928.
- BATES, C. A biblioteca que empresta seres humanos em vez de livros. **BBC News Brasil**, 23 jun. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61905131>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- BRUNOT, F. Discours de M. Ferdinand Brunot. *In*: INAUGURATION des Archives de la Parole. Paris: Imprimerie Albert Manier, 1911.
- BRUNOT, F. Le Musée de la parole. **Paris-Journal**, p. 1, 21 mar. 1910.
- CASSIN, B. **O efeito sofisticado**. São Paulo: ed. 34, 2005.
- DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- INAUGURATION des Archives de la Parole. Paris: Imprimerie Albert Manier, 1911.
- KITTLER, F. **A verdade do mundo técnico**: ensaios sobre a genealogia da atualidade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.
- LACAPRA, D. **Compreender outros**: povos, animais, passados. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- MARIA e Café. Podcast Rádio Novelo Apresenta. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal Rádio Novelo em 12 jan. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IfwrPyqOIBA>. Acesso em: 31 maio 2024.
- NIETZSCHE, F. **Da retórica**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.
- OLIVEIRA, D. S. **“Já escolheu seu disco?”**: fonografia, ouvintes e a Discoteca Pública do Distrito Federal. 2020. 220 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- OTLET, P. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.
- PIERREFEU, J. L’après-midi d’un graphophone. *Nouvelles du jour*, **Les Débats**, 5 jun. 1911.
- PLATÃO. **Fedro ou Da Beleza**. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

STERNE, J. **The audible past**: cultural origins of sound reproduction. Durham: Duke University, 2003.

TKACZYK, V. **Thinking with sound**: a new program in the sciences and humanities around 1900. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2023.